

# Margens (In)Visíveis: a construção do East end de Londres sob a Ótica de *O Povo do Abismo*

*Alessandra Gois da Silva*

Universidade Federal de São Paulo  
São Paulo - São Paulo - Brasil  
alessandra.gois@unifesp.br

---

**Resumo:** Este artigo analisa a representação da periferia no East End de Londres no início do século XX, na obra *O Povo do Abismo* (2020) de Jack London. A partir da literatura e da fotografia como formas de construção simbólica e instrumentos de poder, o estudo investiga a contribuição da narrativa testemunhal e visual de London na formação do imaginário sobre a marginalidade urbana. A pesquisa demonstra que, embora orientado por uma intenção crítica, o trabalho do autor reproduz discursos marcados por estigmatização e contradição. Contudo, sua ambiguidade revela as falhas estruturais de um sistema que perpetua a miséria e a desigualdade. Assim, propõe-se uma reflexão crítica sobre a inscrição histórica do patrimônio urbano frequentemente marginalizado nessas mídias.

**Palavras-chave:** Fotografia. História Urbana. Jack London. Literatura. Periferia.

---

## Introdução

A cidade é um reflexo dinâmico e multifacetado das relações sociais, econômicas e políticas que a constituem. A Revolução Industrial consolidou-se como um marco que impulsionou profundas transformações no espaço urbano, sobretudo na Inglaterra. Segundo Milano (2011, p. 2), a “substituição da ferramenta pela máquina, contribuiu para consolidar o capitalismo como modo de produção dominante”, fenômeno que culminou no surgimento do proletariado.

Durante o século XIX, diversas indústrias deslocaram-se para a região leste de Londres, tornando o East End<sup>1</sup> um território eminentemente operário. Entre 1800 e 1850, esse espaço passou por alterações expressivas devido à expansão das zonas portuárias, construção de canais e a implementação de ferrovias (Williams, 1989, p. 299). Esse crescimento orientado pelo capital intensificou a desigualdade social, acentuou a segregação espacial e consolidou múltiplas formas de exclusão.

---

<sup>1</sup> O East End é uma região histórica localizada no leste das antigas muralhas medievais da cidade de Londres, que fica ao norte do rio Tâmisa. Tradicionalmente associada à classe trabalhadora e à industrialização, consolidou-se como um espaço de marginalização e desigualdade.

Nesse contexto, surgiram novas formas de ocupação do espaço urbano. Os trabalhadores passaram a ser concentrados em áreas periféricas próximas às fábricas, caracterizadas por habitações precárias, superlotação e ausência de infraestrutura básica. Esses ambientes, frequentemente distantes das áreas verdes e situados próximos das indústrias e linhas férreas, constituíam os bairros mais degradados da cidade (Benevolo, 2003, p. 566).

Este artigo propõe analisar como as regiões periféricas de Londres foram representadas por meio da literatura e fotografia, investigando de que maneira essas mídias contribuem para a construção do imaginário sobre o espaço urbano marginalizado e seus habitantes. A obra *O Povo do Abismo* (2020)<sup>2</sup>, de Jack London<sup>3</sup>, será a principal fonte de análise, por apresentar uma narrativa testemunhal e registros visuais do cotidiano no East End no início do século XX.

Para isso, serão mobilizadas perspectivas teóricas sobre a literatura como fonte para a história urbana (Castro, 2016), destacando o seu instrumento de representação da cidade (Williams, 1989), além do uso da fotografia como um aparato de poder visual (Milano, 2011; Sontag, 2004). Assim, o artigo será estruturado em seções que discutem, respectivamente, o papel de cada uma dessas mídias e, por fim, articulam essas linguagens na construção imagética da periferia londrina.

## A literatura como cartografia social

No decorrer do século XIX, as transformações intensificadas pela Revolução Industrial e o processo contínuo de urbanização estimularam uma nova sensibilidade literária diante da experiência urbana e das contradições do novo espaço moderno (Castro, 2016, p. 103). Trata-se de uma produção que não se limita à tematização do cotidiano urbano, mas que permite acessar uma articulação entre realidade social e configuração espacial.

Ao abordar a cidade para além de sua materialidade física, Castro (2016, p. 104) afirma que “[...] ao recorrermos à literatura, abrimos as portas para a compreensão

---

<sup>2</sup> A edição brasileira utilizada neste trabalho (London, 2020) não inclui as fotografias produzidas pelo autor. Para isso, foram utilizadas as imagens presentes na edição original de 1903, que estão disponíveis no acervo digital da Huntington Digital Library.

<sup>3</sup> John Griffith Chaney, mais conhecido pelo pseudônimo Jack London (1876-1916), foi um proeminente escritor e jornalista norte-americano. Entre as suas principais obras estão: *O Filho do Lobo* (1900), *O Povo do Abismo* (1903) e *O Chamado Selvagem* (1903). Sua participação no Partido Socialista foi uma fase marcante de sua trajetória, embora tenha se afastado da sigla em 1916 por divergências.

daquela cultura que dá e toma forma num espaço urbano determinado para além da sua própria materialidade, nas suas representações contemporâneas”. Nesse sentido, a autora reforça o potencial da literatura como prática cultural, ao afirmar que ela “[...] traz elementos fundamentais para a compreensão do mundo social [...] para compreender a própria forma urbana” (Castro, 2016, p. 105). Assim, a cidade não se reduz à sua estrutura física, mas envolve também as relações sociais que nela se desenvolvem e as representações simbólicas que a constituem.

A autora propõe uma percepção da literatura enquanto instrumento capaz de tensionar as fronteiras entre realidade e representação. Nessa perspectiva, estabelece-se uma relação mútua entre cidade e discurso, em que ambos se produzem e se influenciam reciprocamente. Castro (2016, p. 116) destaca que “se a cidade produz discursos, esses discursos também produzem cidades”. Sob esse prisma, a literatura participa ativamente da construção simbólica do espaço urbano, inserindo-o como território de disputa e elaboração de sentidos sobre as experiências sociais que nele se desenvolvem.

Raymond Williams<sup>4</sup>, em sua obra *O Campo e a Cidade* (1989), aprofunda essa concepção ao investigar a forma como a literatura construiu a imagem da cidade industrial. No início do século XX, ainda predominava a percepção da cidade como uma ameaça à ordem moral e coletiva, pois “a aglomeração excessiva da cidade [era vista] como uma fonte de perigos sociais: desde a perda dos sentimentos humanos comuns até o acúmulo de uma força poderosa, irracional e explosiva” (Williams, 1989, p. 293). Nesse contexto, consolidou-se uma representação urbana marcada pela densidade, escuridão e opressão. Para o autor, “a imagem da escuridão e da pobreza da cidade, tendo como exemplo simbólico a zona leste de Londres, passou a ocupar uma posição central na literatura e no pensamento social” (Williams, 1989, p. 299).

Entretanto, Williams ressalta que a divisão interna da cidade antecede o processo de industrialização. Segundo o autor, desde o século XVII já se observava a separação entre o East End e West End:<sup>5</sup> enquanto a região oeste era caracterizada por grandes propriedades aristocráticas, o leste concentrava habitações menores e mais fragmentadas

---

<sup>4</sup> Raymond Williams (1921–1988) foi um teórico marxista que dedicou-se ao estudo das relações entre cultura, literatura e sociedade. Atuou como professor nas universidades de Oxford e entre suas principais obras estão: *Cultura e Sociedade* (1969), *O Campo e a Cidade* (1989) e *Palavras-Chave* (2007), nas quais analisa criticamente a formação da cultura moderna, as transformações urbanas e as representações sociais no capitalismo industrial.

<sup>5</sup> O West End corresponde à região oeste da cidade de Londres. Tradicionalmente associada à aristocracia e às elites econômicas, consolidou-se como o local das grandes propriedades, centros comerciais e culturais.

(Williams, 1989, p. 298). Com o avanço da industrialização, esse contraste foi intensificado, moldando o East End como uma paisagem associada à miséria, à insalubridade e à classe trabalhadora popular.

### **O Povo do Abismo de Jack London: a construção do East End**

A obra *O Povo do Abismo*, escrita por Jack London e publicada em 1903, é uma reportagem social baseada na observação direta das camadas marginalizadas do East End. Para compreender a vivência daquela população, o autor disfarçou-se de marinheiro americano desempregado e alugou um quarto na região, inserindo-se no cotidiano dos trabalhadores e desabrigados. Essa metodologia de imersão, voltada ao registro das condições de vida dos mais pobres, dialoga com o fenômeno conhecido como “*slumland storytelling*”, prática que ganhou notoriedade durante o século XIX e que convertia a miséria dos bairros populares em objeto de exposição para o consumo das elites, por meio de relatos e imagens (Hewitt, 2019).

Ao longo dos testemunhos, percebe-se que a narrativa de London se dirige a um leitor externo ao “abismo”, estabelecendo um contraste entre a experiência vivida no East End e o cotidiano das classes mais favorecidas. Essa divisão é evidenciada pelo vocabulário empregado, que parte da premissa de que o interlocutor não apenas desconhece aquela realidade, mas se opõe a ela:

As lavagens e águas sujas servidas nesses estabelecimentos, variando apenas em grau, sequer se aproximam ou sugerem o gosto do chá e do café a que você e eu estamos acostumados [...] Por certo não poderia haver nada de doméstico ali para alguém como eu ou você, que sabemos como é, de fato, um lar (London, 2020, p. 302 e 307).

A descrição do East End é marcada por uma linguagem de cunho intensamente sensorial. Desde sua chegada à região, o autor constrói um retrato que mescla degradação física, marginalidade e sujeira, compondo um imaginário do espaço urbano periférico:

Nas ruas de Londres nunca se escapa da visão da pobreza abjeta; basta caminhar cinco minutos em qualquer direção para se chegar a um bairro miserável. Mas a região que meu fiacre adentrava naquele instante era uma favela sem fim. As ruas estavam tomadas por uma raça nova e diferente de pessoas, de baixa estatura, aparência infeliz e na maior parte encharcada de cerveja. Rodamos milhas e milhas, passando por prédios de tijolo aparente e muita sujeira, e a cada rua ou alameda transversal víamos fachadas de tijolos e miséria a perder de vista. Aqui e ali cambaleavam um homem ou uma mulher bêbados, e o ar tornava-se obscuro com o vozerio e as alterações. Num

mercado, velhos e velhas trêmulos procuravam restos de verdura, feijão e batatas podres em meio ao lixo lançado na lama, enquanto crianças, como moscas que rodeiam um monturo de frutas apodrecidas, mergulhavam os braços até a altura dos ombros num líquido putrefato de onde retiravam nacos deteriorados, que eram devorados ali mesmo (London, 2020, p. 87).

Ao recorrer a passagens carregadas de repulsa, a escrita de London reforça estigmas sobre a pobreza, cristalizando um olhar sensacionalista. Dessa forma, o East End aparece como o espaço irredimível, onde tudo parece deformado:

Não há espetáculo mais deprimente nesta terra do que o que se encontra no “horível leste”, onde ficam Whitechapel, Hoxton, Spitalfields, Bethnal Green, Wapping e East India Docks. A cor da vida é cinzenta e sombria. Tudo é sem solução, sem esperança, inexorável, sujo. As próprias pessoas são sujas e qualquer tentativa de asseio se torna uma farsa gritante, quando não trágica e digna de pena. Cheiros estranhos, errados, chegam com o vento gorduroso e a chuva, quando cai, se parece mais com gordura do que com água do céu. Mesmo os paralelepípedos estão empastados de gordura (London, 2020, p. 293).

Nesse ponto, a obra tensiona os limites entre a crítica social e a espetacularização da pobreza. A denúncia se mistura à reprodução de estereótipos, em um tom que, como pontua Raymond Williams (1989, p. 300), pode assumir conotações positivas e negativas. Assim, a massa popular é retratada simultaneamente como vítima de um sistema perverso e como força degenerada e indesejável.

Além disso, a precariedade das habitações ocupa um lugar central na observação de London. Os relatos sobre moradias superlotadas, insalubres e desumanizadas revelam um cenário de extrema degradação:

Aquela abominação chamada casa tinha sete cômodos. Em seis deles, 20 e tantas pessoas dos dois sexos e de todas as idades cozinhavam, comiam, dormiam e trabalhavam. [...] Não havia quintais, ou melhor, eles estavam ocupados por barracos e estábulos, onde as pessoas viviam. Os telhados estavam cobertos de sujeira, alguns com camadas de vários centímetros de espessura (London, 2020, p. 133 e 135).

A passagem evidencia como a crise habitacional se convertia em uma extensão concreta da marginalização social, na medida em que o espaço urbano operava como reflexo da desigualdade e da ausência de políticas públicas. O autor ainda enfatiza o caráter lucrativo dessa precariedade:

[...] no gueto as casas dos pobres dão mais lucro do que as mansões dos ricos. O trabalhador pobre não só tem de viver como animal, mas paga proporcionalmente mais caro por isso do que o rico por seu espaçoso conforto. Criou-se uma classe de senhorios exploradores em função da disputa de acomodações pelos pobres. Há mais pessoas que espaço, e muitas estão nos albergues porque não encontram teto em outro lugar. As casas não são apenas locadas, mas sublocadas, e subsublocadas (London, 2020, p. 286).

Essa análise de London dialoga com a formulação proposta por Benevolo (2003, p. 589), que destaca como os interesses da propriedade imobiliária são sistematicamente privilegiados em relação ao capital produtivo. Nesse cenário, as dificuldades impostas pela vida urbana recaem desproporcionalmente sobre as classes populares, enquanto o setor dominante assegura os interesses da burguesia por meio da mercantilização da moradia. O mercado imobiliário, assim, opera como uma engrenagem da estrutura de dominação burguesa, reproduzindo e intensificando as desigualdades sociais e espaciais.

Ademais, a precarização dos abrigos e atuação repressiva das autoridades estatais também são ressaltadas. Além de superlotados e insalubres, esses espaços impunham exigências rigorosas para o acesso, frequentemente negando abrigo àqueles que não se enquadravam nos critérios de pobreza definidos. Desse modo, “[...] o candidato a uma vaga deve ser pobre e, como é submetido a rigorosa inspeção, realmente precisa ser pobre, e quatro pence, ainda mais quatro xelins, é riqueza suficiente para desqualificá-lo” (London, 2020, p. 141).

A impossibilidade de permanecer nas ruas, associada à dificuldade de conseguir abrigo, transformava a existência dos mais vulneráveis em um ciclo de constante expulsão. A repressão era legalizada por meio da *Vagrancy Act*, legislação britânica que impedia os desabrigados de dormirem nas ruas durante a noite. Essa medida criminalizava a “vadiagem”, incluindo comportamentos considerados “subversivos” (Reino Unido, 1824). Sua aplicação serviu como base legal para a repressão da população pobre ao longo dos séculos<sup>6</sup>. Além disso, as condições dos alojamentos direcionados a essa população extremamente carente eram brutais. London descreve minuciosamente o espaço que ocupou em um abrigo público da região:

Não era um quarto. O apreço à língua pede que se esclareça que chamar aquilo de quarto é o mesmo que chamar um barraco de mansão. Era um covil, uma toca. Media dois metros por dois e meio, e o pé-direito era tão baixo que não havia a quantidade de ar por centímetro cúbico necessária [...]. Cada mancha representava uma morte violenta – de um inseto, pois o lugar estava infestado de pulgas e piolhos, uma praga que ninguém conseguiria enfrentar sozinho (London, 2020, p. 225).

Esses aspectos confirmam que a atuação do Estado, longe de ser um mediador neutro, operava como instrumento de vigilância e exclusão, legitimando políticas que

---

<sup>6</sup> Atualmente, ainda está em vigor, embora algumas de suas seções tenham sido revogadas ou reformuladas.

reforçaram a desigualdade. A assistência pública, sob aparência de caridade, reproduzia dinâmicas de controle, punição e invisibilização da população marginalizada.

No entanto, apesar da contundência de sua escrita, a obra de Jack London não está isenta de contradições. Sua imersão no East End é mediada por um olhar que, ao mesmo tempo em que se indigna com o que presencia, reafirma hierarquias sociais e raciais. Em diversos trechos, o autor expressa um sentimento de distanciamento em relação aos habitantes da região, destacando uma percepção de superioridade. Ao revelar sua verdadeira identidade, escreve:

Claro que tive de explicar que era apenas um pesquisador, um estudante, procurando descobrir como se vivia na outra metade do mundo. Eles imediatamente se fecharam como ostras. Eu não era da espécie deles, minha fala mudara, o timbre da minha voz era diferente, em resumo, eu era superior (London, 2020, p. 159-160).

Esse senso de supremacia acompanha uma linguagem que frequentemente animaliza e brutaliza os moradores do East End, como ao se referir a uma trabalhadora como “besta de carga” (London, 2020, p. 95), naturalizando a desumanização da pobreza. A força de sua narrativa reside na visceralidade da descrição, mas essa escolha contribui para reiterar estigmas.

Outrossim, seu registro mobiliza elementos associados ao darwinismo social, conjunto de formulações que legitimava a desigualdade a partir do discurso biológico. Essa perspectiva é evidente quando declara:

A supremacia de classe só pode se apoiar na degradação de classe e, quando os trabalhadores são segregados no gueto, não podem escapar da consequente degradação. Cria-se assim um povo debilitado e de baixa estatura, uma raça notavelmente diferenciada em relação à de seus superiores, um povo das sarjetas, sem força ou energia. Os homens tornam-se caricaturas daquilo que homens com vigor físico deveriam ser, e suas mulheres e crianças, pálidas e anêmicas, cheias de olheiras, vão ficando vergadas e encurvadas, até que forma física e beleza viram uma impossibilidade (London, 2020, p. 288-289).

Aqui, a discrepância social é reduzida a um processo de degeneração biológica, aproximando-se da lógica eugenista e reforçando estereótipos de inferioridade física e moral. O uso do termo “raça diferenciada” explicita essa visão hierarquizante, na qual a pobreza deixa de ser um fenômeno social para ser convertida em aberração corporal. Essa concepção se intensifica quando London descreve os habitantes da região como: “[...] rostos estranhos, formas esquisitas e monstruosidades distorcidas que ombreavam comigo por todo o canto, tipos inconcebíveis de feiúra embrutecida, a escória da sociedade, as carcaças ambulantes, os mortos-vivos” (London, 2020, p. 351).

Essas representações revelam a adesão do autor a categorias excludentes, fundamentadas em teorias de degeneração racial e social. O abismo, assim, ultrapassa a metáfora de exclusão econômica e converte-se em imagem narrativa da degradação física e moral.

Contudo, sua obra também se constrói na presença da ambiguidade em seus relatos. Em várias passagens, London critica abertamente a estrutura econômica e política que produz e mantém a miséria:

Numa civilização francamente materialista e baseada na propriedade, não na alma, é inevitável que a propriedade seja exaltada em detrimento da alma, e que crimes contra a propriedade sejam considerados muito mais sérios que crimes contra a pessoa (London, 2020, p. 253).

Essa denúncia é reiterada quando questiona o motivo, apesar do aumento da capacidade produtiva, atribuindo a causa à má gestão: “[...] cada pobre extenuado de rosto macilento, cada cego, cada bebê na prisão, cada homem, mulher e criança cuja barriga está roncando de fome, porque os recursos foram mal administrados” (London, 2020, p. 381). Essas afirmações demonstram o caráter ambíguo do livro: ao mesmo tempo em que reproduz discursos de exclusão, London esclarece a falência de um sistema que relativiza a desigualdade social. Assim, *O Povo do Abismo (2020)* revela a brutalidade da vida urbana, enquanto evidencia os limites ideológicos do olhar reformista de seu autor.

### **A fotografia: testemunho visual, poder e controle**

Durante os períodos finais do século XIX, a percepção do espaço urbano passou a ser profundamente influenciada por uma crescente valorização das imagens. Estimulada pelas transformações da Revolução Industrial, a fotografia consolidou-se como veículo de reprodução visual ao documentar os traços materiais da urbanização acelerada, assumindo papel central na documentação e na construção simbólica de sujeitos e territórios (Milano, 2011, p. 6). Nesse contexto, a cidade passou a ser observada, classificada e interpretada por meio de dispositivos técnicos que transformaram a imagem em instrumento de análise, vigilância e memória.

Sob esse prisma, a fotografia não pode ser compreendida como um espelho da realidade. Segundo Sontag<sup>7</sup> (2004, p. 13), trata-se de um instrumento que “modifica e amplia nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e o que temos direito de observar”, consolidando-se como mecanismo de poder. A autora aponta que, desde o uso das câmeras pela polícia parisiense durante a repressão aos *communards* em 1871, o registro fotográfico foi incorporado aos aparatos estatais de controle (Sontag, 2004, p. 16). De acordo com Boito Junior (2001, p. 18-19), os *communards* eram membros e apoiadores de um governo revolucionário e popular, composto majoritariamente por trabalhadores, que assumiu o poder em Paris naquele ano, buscando uma “república social” e implementando medidas de proteção aos pobres e aos operários. Assim, fotografar torna-se um gesto de seleção e classificação: “ao decidir que aspecto deveria ter uma imagem, ao preferir uma exposição a outra, os fotógrafos sempre impõem padrões a seus temas” (Sontag, 2004, p. 17). Desse modo, a câmera atua como mediação assimétrica entre o observador e o observado, instaurando relações de poder e hierarquia.

Na obra *O Povo do Abismo* (2020), Jack London incorpora a fotografia como extensão de sua vivência investigativa. Ao registrar visualmente os habitantes do East End e os espaços que percorreu, suas imagens tornam-se um suporte de sua denúncia textual. No entanto, essas fotografias precisam ser analisadas para além de seu caráter documental. Conforme afirma Milano (2011, p. 20), as imagens não possuem neutralidade, visto que são instrumentos discursivos que moldam percepções e legitimam intervenções. Assim, ao compor cenas da periferia londrina, a visualidade de London contribui para a construção de um imaginário sobre a pobreza, mas que não deve ser interpretada como fato absoluto da realidade, por ser um produto cultural mediado por escolhas técnicas, estéticas e ideológicas.

Sontag (2004, p. 16) alerta que “uma foto equivale a uma prova incontestável de que determinada coisa aconteceu”, mas essa veracidade não garante a compreensão do que é visto. A fotografia pode distorcer e produzir uma ilusão de entendimento, dando a “entender que conhecemos o mundo se o aceitamos tal como a câmera o registra, mas isso é o contrário de compreender, que parte de não aceitar o mundo tal como ele aparenta ser” (Sontag, 2004, p. 33).

---

<sup>7</sup> Susan Sontag (1933–2004) foi uma intelectual e ensaísta norte-americana cuja produção se destacou pela reflexão crítica sobre cultura, arte e política. Entre suas principais obras estão: *Contra a Interpretação* (1966) e *Sobre a Fotografia* (1977), que influenciaram debates sobre representação, percepção e engajamento cultural no século XX.

Nesse sentido, é sob uma percepção crítica que os registros visuais produzidos por Jack London durante sua permanência no East End devem ser analisados.

**Figura 1** – Jovem abordado por policial enquanto dormia na rua. East End, 1902



Fonte: Fotografia de Jack London. Huntington Digital Library.

A imagem acima, que mostra um rapaz dormindo na rua sendo abordado por um policial, evidencia a ação repressiva das autoridades frente à população marginalizada. O registro destaca a política de remoção dos corpos considerados indesejáveis, revelando o caráter disciplinador do espaço urbano. No entanto, é preciso considerar que a cena é construída a partir do olhar de um observador externo, que ocupa uma posição de distanciamento (Sontag, 2004). Assim, a lente de London participa de uma dinâmica em que a pobreza é exposta como objeto de análise, reafirmando a condição dos sujeitos retratados como os outros, aqueles que pertencem ao “abismo”. A escolha do enquadramento também reforça essa desigualdade: o policial, em pé e em movimento, ocupa o campo de ação, enquanto o menino é apresentado como figura passiva, imóvel e vulnerável.

Figura 2 – Idoso, crianças e mulheres em espaço urbano. East End, 1902



Fonte: Fotografia de Jack London. Huntington Digital Library.

Neste registro, um homem com bengala caminha pela calçada, enquanto um grupo de crianças senta-se ao chão, aparentemente recolhendo algo próximo a uma carroça. Em primeiro plano, uma mulher curva-se em direção ao solo, enquanto outra carrega uma cesta repleta de objetos. A cena sugere uma narrativa de sobrevivência marcada pela escassez e pela informalidade das práticas cotidianas, entrelaçando infância, velhice e trabalho em um ambiente que remete a uma zona de comércio ou de circulação urbana, mediada pelo transporte a cavalo.

Ao destacar os corpos curvados, em posturas que remetem à “submissão”, London constrói uma representação visual na qual a pobreza é evidenciada no modo de ocupar o espaço. As vestimentas simples reforçam esse quadro de vulnerabilidade. Assim, ainda que documental, a imagem apresenta uma composição orientada por intencionalidades, que moldam determinadas leituras sobre os indivíduos retratados (Milano, 2011).

**Figura 3** – Crianças diante de prédio deteriorado na Chapel Street. East End, 1902

Fonte: Fotografia de Jack London. Huntington Digital Library.

Na fotografia, um grupo de crianças ocupa a calçada diante de um edifício em visível estado de degradação, com janelas quebradas e paredes desgastadas. Duas mulheres observam a cena pela janela do andar superior, enquanto um menino segura um cachorro. A presença infantil posicionada junto ao imóvel sugere uma relação com o espaço, embora não seja possível afirmar com certeza se são residentes do local. A cena registra uma paisagem urbana negligenciada, em que a infância é exposta em meio à precariedade arquitetônica.

Dessa forma, o enquadramento enfatiza a deterioração física do espaço e a vulnerabilidade dessas pessoas no ambiente, compondo uma narrativa visual que associa a pobreza à segregação (Sontag, 2004).

Figura 4 – Homens dormindo no gramado de Green Park. East End, 1902



Fonte: Fotografia de Jack London. Huntington Digital Library.

Nesta imagem, diversos homens estão deitados no gramado de Green Park, muitos com o rosto encoberto por chapéus, em posturas que sugerem exaustão. A cena adquire uma nova camada de leitura quando relacionada ao contexto social da época: a cidade que se verticaliza ao fundo contrasta com os corpos que repousam horizontalmente sobre o solo. O modo como o espaço é ocupado demonstra as tensões em torno do pertencimento e da marginalização. A presença desses indivíduos deitados remete à exclusão dos espaços privados de moradia e trabalho, fazendo do parque um refúgio possível para o descanso dos desafortunados.

Ao optar por esse enquadramento, o olhar de London, ainda que voltado à denúncia social, insere a pobreza em uma construção visual a ser observada e consumida. Dessa maneira, a fotografia deve ser compreendida como um instrumento discursivo que molda a percepção sobre os corpos e os espaços da cidade (Milano, 2011). Assim, ao destacar esses sujeitos em um espaço intermediário entre o público e o privado, o registro

reforça uma narrativa visual de exclusão, revelando as formas sutis pelas quais a desigualdade se inscreve na paisagem urbana.

### Considerações Finais

As representações apresentadas por Jack London em *O Povo do Abismo* (2020) revelam simultaneamente os contrastes de uma cidade partida e os limites ideológicos do próprio olhar do autor. Sua escrita, ainda que amparada pela vivência direta, mobiliza discursos que oscilam entre a crítica social e a afirmação de estigmas, retratando o East End como um território marcado pela miséria e pela degeneração.

Desse modo, as fotografias reforçam visualmente esse imaginário, ao evidenciar a sujeição física das pessoas vulneráveis e a precariedade dos espaços que habitam. Ainda que revestidas de um suposto realismo documental, essas imagens são moldadas por escolhas estéticas e enquadramentos intencionais, que contribuem para cristalizar modos específicos de retratar a periferia.

Nesse sentido, a literatura e a fotografia operam como práticas discursivas que não apenas denunciam, mas também reformulam a cidade e seus sujeitos. Assim, o East End emerge como uma paisagem da exclusão, um espaço cuja memória, frequentemente silenciada, também participa das tensões em torno da valorização de determinados registros urbanos em detrimento de outros.

Em suma, a partir da análise textual e imagética da obra de London, tornou-se possível compreender como certos territórios são marcados por narrativas de marginalidade que moldam sua percepção pública e seu apagamento nas políticas de preservação. Dessa forma, as descrições e imagens analisadas neste trabalho colocam em questão o lugar dos sujeitos pobres nas narrativas sobre a cidade, propondo reconhecer o patrimônio urbano como um campo de construção permeado por dimensões políticas, históricas e sociais.

---

**(IN)VISIBLE MARGINS: THE CONSTRUCTION OF LONDON'S EAST END FROM THE PERSPECTIVE OF THE PEOPLE OF THE ABYSS**

**Abstract:** This paper analyzes the representation of the periphery in London's East End in the early 20th century in Jack London's *The People of the Abyss* (2020). Using literature and photography as forms of symbolic construction and instruments of power, the study investigates the contribution of London's testimonial and visual narrative to the formation of the imaginary about urban marginality. The research demonstrates that, although guided by a critical intention, the author's work reproduces discourses marked by stigmatization and contradiction. However, its ambiguity reveals the structural flaws of a system that perpetuates misery and inequality. Thus, a critical reflection is proposed on the historical inscription of urban heritage often marginalized in these media.

**Keywords:** Photography. Urban History. Jack London. Literature. Periphery.

---

---

**MARGINES (IN)VISIBLES: LA CONSTRUCCIÓN DEL EAST END DE LONDRES DESDE LA PERSPECTIVA DE LA GENTE DEL ABISMO**

**Resumen:** Este artículo analiza la representación de la periferia del East End de Londres a principios del siglo XX en la obra *La gente del abismo* (2020) de Jack London. A partir de la literatura y la fotografía como formas de construcción simbólica e instrumentos de poder, el estudio investiga la contribución de la narrativa testimonial y visual de London en la formación del imaginario sobre la marginalidad urbana. La investigación demuestra que, aunque orientado por una intención crítica, el trabajo del autor reproduce discursos marcados por la estigmatización y la contradicción. Sin embargo, su ambigüedad revela las fallas estructurales de un sistema que perpetúa la miseria y la desigualdad. Así, se propone una reflexión crítica sobre la inscripción histórica del patrimonio urbano a menudo marginado en estos medios.

**Palabras clave:** Fotografía. Historia Urbana. Jack London. Literatura. Periferia.

---

**Referências**

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. Tradução de Silvia Mazza. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

BOITO JUNIOR, Armando. A Comuna dos Trabalhadores. In: **Jornal da Unicamp**, Campinas, p. 18-19, ago. 2001. Disponível em: [https://unicamp.br/unicamp/unicamp\\_hoje/ju/jornalPDF/ju165.pdf](https://unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/ju/jornalPDF/ju165.pdf). Acesso em: 10 jul. 2025.

CASTRO, Ana Claudia Veiga de. Figurações da cidade: um olhar para a literatura como fonte da história urbana. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 99-120, set-dez. 2016.

HEWITT, D. G. Grim realities of life in London's 19th century slums. In: **History Collection**. 6 abr. 2019. Disponível em: <https://historycollection.com/grim-realities-of-life-in-londons-19th-century-slums/>. Acesso em: 29 jun. 2025.

HUNTINGTON DIGITAL LIBRARY. **The People of The Abyss**. Disponível em: <https://hdl.huntington.org/digital/collection/p16003coll7/id/3199>. Acesso em: 29 jun. 2025.

LONDON, Jack. **O povo do abismo: fome e miséria no coração do império britânico**. Tradução de Hélio Guimarães e Flávio Moura. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2020.

MILANO, Daniela Ketzer. Habitações operárias: evolução das imagens de representação. **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, v. 3, n. 1, p. 1-22, 2011.

REINO UNIDO. Parliament. **Vagrancy Act 1824**. Legislation.gov.uk, 1824. Disponível em: <https://www.legislation.gov.uk/ukpga/Geo4/5/83/enacted>. Acesso em: 29 jun. 2025.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. Tradução de Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WILLIAMS, Raymond. **O Campo e a Cidade: na História e na Literatura**. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

---

#### SOBRE A AUTORA

**Alessandra Gois da Silva** é graduanda em História (Bacharelado) pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

---

Recebido em 28/07/2025

Aceito em 28/04/2026